

CRISTIANA LÔBO

FHC A alma tucana

As pesquisas indicam que o índice de confiança no presidente Fernando Henrique Cardoso é maior do que o índice de aprovação do governo Fernando Henrique Cardoso. Uma diferença que em alguns meses superou os dez pontos porcentuais. Isso quer dizer que, aos olhos da opinião pública, Fernando Henrique é melhor do que os resultados apresentados por seu governo. Ou que a figura do presidente da República não incorpora os desgastes do governo.

Como já disse Delfim Netto, Fernando Henrique "é de teflon" — nem sujeira nem gordura grudam nele. Já o governo paga a conta de não ter conseguido explicar o Proer (o que o próprio FH ainda tenta fazer). A crise na saúde é exemplar: está todinha na conta do ministro Adib Jatene que reclama não ter dinheiro. "Ele só fala em CPMF e não resolve o problema" — é o discurso que está na boca do povo. Mas o presidente da República, que é quem tem o poder para liberar o dinheiro orçamentário para a saúde, passa ao largo das críticas.

Essa diferença de índices de aprovação popular não preocupa Fernando Henrique. Para ele, que cultua o personalismo, isso é até bom. Em especial porque tem a pretensão de disputar mais um mandato presidencial. É uma prova de que ele aproveita melhor a virtude de bom comunicador do que o conjunto do governo.

Os freqüentadores do Palácio do Planalto invariavelmente saem com elogios a Fernando Henrique. Ano passado, por exemplo, ele conseguiu a proeza de encantar dois adversários entre si: o presidente da Pepsi numa terça-feira e, um dia depois, o chairman da Coca-Cola. Daí, pode-se afirmar que FH é o melhor interlocutor do mundo.

Na composição do Ministério e na administração política da aliança que sustenta seu governo, Fernando Henrique é a única estrela a brilhar. Impensável ter neste governo um ministro tal como foi Fernando Henrique no governo Itamar Franco. Tampouco estilos como o de Ciro Gomes ou Rubens Ricupero, que no comando do Plano Real eram figurinhas carimbadas em todos os telejornais, cercados de microfones e holofotes. Agora, essa

cena é exclusiva do presidente.

Além disso, ele tem um jeito particular de comandar: entrega a tarefa e aguarda o resultado. Se alguma coisa não vai bem, a conta aparece para o responsável, mas a ele não atinge. É o que se chama de "fusível" — queima o auxiliar, mas nunca o presidente da República.

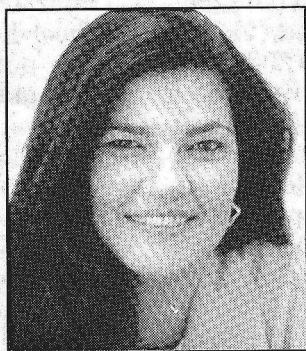
Se na administração é assim, na política não é diferente. Ninguém viu sentimento de consternação no Palácio do Planalto com a derrota dos afilhados dos tucanões pelo Brasil afora. Mário Covas, Tasso Jereissati (e as pesquisas indicam que Eduardo Azeredo, também) não ampliaram seus cacifes. Perderam na capital de seus Estados. FH, embora tenha se empenhado na medida do possível para eleger José Serra, não saiu como derrotado com o resultado. Todos ficaram mais opacos enquanto FH apareceu, na última pesquisa, com índice de aprovação popular semelhante aos tempos de lua-de-mel, o período logo após a posse.

Quem tem a capacidade de rir de si próprio, não perde a piada com um amigo. Certa vez, ao ouvir uma alfinetada de Fernando Henrique numa roda, Sérgio Motta tentou explicar: "Ele só fala mal dos amigos..." É mais ou menos isso. Fernando Henrique critica os políticos que estão no mesmo campo político dele. Só assim se explica o relacionamento que tem hoje com

os homens fortes do PFL. Nunca se ouviu uma piada de FH sobre Antônio Carlos ou Luís Eduardo Magalhães. Oportunidade que não perde quando se trata de um companheiro. O charme pessoal é usado para seduzir novos aliados — aqueles que não ocupam o mesmo espaço político que ele.

Com altíssima aprovação popular (mais de 60% confiam nele, 51% apóiam sua reeleição e 78% gostam do Real) Fernando Henrique está tranqüilíssimo quanto à possibilidade de vencer as eleições de 1998. A batalha é aprovar na Câmara e no Senado a emenda que lhe assegurará esse direito. Mas os votos na urna ele sabe que terá. A um interlocutor deu a mostra de seu convencimento: "Vão querer botar quem lá? O Lula?"

Com altíssima aprovação popular (mais de 60% confiam nele, 51% apóiam sua reeleição e 78% gostam do Real) Fernando Henrique está tranqüilíssimo quanto à possibilidade de vencer as eleições de 1998. A batalha é aprovar na Câmara e no Senado a emenda que lhe assegurará esse direito. Mas os votos na urna ele sabe que terá. A um interlocutor deu a mostra de seu convencimento: "Vão querer botar quem lá? O Lula?"



■ Cristiana Lôbo é jornalista

Se alguma coisa não vai bem, a conta aparece para o responsável, mas não atinge FH